

Mais polícias ou mais segurança?

Contra aqueles que pedem mais polícias para lutar contra a criminalidade e a insegurança das populações, podemos apontar o recente caso da Cova da Moura para mostrar como a própria polícia pode ser um factor de insegurança. No dia 7 de Dezembro, setenta agentes da polícia assaltaram este bairro da Amadora. Uns em fato de combate, outros à paisana (infringindo a lei), todos com armas de fogo (algumas até proibidas em acções deste tipo), os polícias invadiram o bairro, agredindo e prendendo alguns dos seus moradores, impedindo outros de se dirigirem

para as suas casas. Enquanto isso, o agente que dois dias antes, no mesmo bairro, tinha assassinado um jovem a sangue frio, com um tiro pelas costas, continuava em funções.

Segurança? Nós também a queremos. Mas não pode haver segurança enquanto os criminosos (incluindo os que são da PSP) andarem à solta, enquanto de volta a casa encontramos no nosso bairro, na nossa rua, agentes da "ordem" com a arma apontada à nós ou à nossa casa.

Elsa Sertório



FESTA DE FIM DE ANO

No próximo dia 31 de Dezembro já não haverá um novo século para festejar, mas a data não deixa por isso de ser importante. É que será a primeira passagem de ano da Solidariedade Imigrante, com a oportunidade de comemorarmos também nesse dia a aquisição da nova sede e de nos desejarmos bem alto um novo ano de actividade e de êxitos. É aí, festejando todos juntos, que vamos retomar forças para mais um ano de luta.

Haverá petiscos dos quatro cantos do mundo, música e passos de dança. Se sabes cantar, queremos ouvir a tua voz; se sabes tocar, traz o teu instrumento. Os bilhetes já estão à venda na Associação: 2.500 para adultos, 1.000 para crianças. Se comprares o teu com antecedência, poderemos ter um fundo para as compras e uma ideia do número de pessoas que virão. Se não puderes passar pela sede, inscreve-te por telefone.

editorial

O governo português, através da resolução do Conselho de Ministros, publicada em 30 de Novembro, empurra mais de 40 mil cidadãos estrangeiros que ainda não se legalizaram, por motivos que não lhes podem ser incutidos, para a clandestinidade e para a escravatura. A associação solidariedade Imigrante quer expressar o mais vivo repúdio e indignação por mais esta medida sem sentido e contraditória, baseada num relatório sobre as necessidades de mão-de-obra, que coloca nas mãos das grandes empresas apadrinhadas pelo governo a contratação de 20 mil trabalhadores no estrangeiro, deixando de fora dezenas de milhares de imigrantes que já aqui estão a trabalhar.

A Solidariedade Imigrante exige que o governo português e a administração pública criem mecanismos para que se regularizem todos os trabalhadores que até à data da entrada em vigor desta resolução estejam já a trabalhar e a residir em Portugal, independentemente das suas entidades patronais terem ou não tratado dos documentos necessários para o efeito. Exigimos também que se acabe com as autorizações de permanência e que, a partir das primeiras renovações das mesmas, se atribua autorizações de residência a todos os imigrantes.

Aconselhamos os imigrantes que ainda não se legalizaram a dirigirem-se à nossa associação para podermos juntos fazer a pressão necessária junto do governo. Só com essa pressão e com a determinação de todos os trabalhadores - estrangeiros e portugueses - poderemos contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, onde todos tenham os mesmos direitos. O novo ano que se aproxima terá que ser um ano de luta, para a qual contamos com a tua participação.

A lei e as pessoas

Conforme a lei das Autorizações de Permanência, os estrangeiros têm direito ao reagrupamento familiar. Mas vou ser directo: na realidade é impossível chamar a família. Vou contar um exemplo.

Há dois meses atrás, estive na embaixada de Portugal em Bucareste. Foi uma experiência impressionante. Lembro-me daquele dia com muita dignidade. Ao pé da embaixada são formadas quatro filas de pessoas: para entrevistas, trânsito, delegações, reagrupamento familiar. Por volta das 8 horas começaram a juntar-se pessoas à porta da embaixada; às 9 horas já eram cerca de cem pessoas, a maioria das quais já lá estava há três ou quatro dias para serem atendidas. Por dia são atendidas entre dez a quinze pessoas. É horrível ficar naquelas filas pensando "será que é hoje que vou ser atendido?"

No serviço de estrangeiros em Portugal pedem, como documentos necessários para tratar do reagrupamento familiar: um contrato de trabalho, um certificado de alojamento e a fotocópia do passaporte. Mas na embaixada portuguesa no país de origem pedem mais dez documentos ao nosso familiar e pedem, entre outros, um termo de responsabilidade carimbado por um notário— não dizem de que país -, como se eu, ao requerer a vinda da minha mulher, não me fosse responsabilizar pela sua estadia aqui. No mínimo, e só com muita pressão, são necessários três meses para obter uma resposta. Há muitas mulheres que procuram outras vias.

Parece que Portugal só precisa de mão-de-obra, de escravos. É uma vergonha. Estamos no século XXI e todos temos o direito de sermos tratados de maneira humana.

Aurel Obreja

Vida de imigrante

Sou senegalesa, tenho 29 anos e vivo com o meu marido. Cheguei a Portugal em Maio de 2000, na esperança de encontrar aqui melhores condições de vida e de trabalho para assegurar o futuro dos nossos dois filhos.

Trabalhei numa empresa de limpeza. Nunca vi o patrão em pessoa nem o encarregado, era preciso encontrar-se com o motorista, mudar de roupa dentro do carro, comer dentro do carro. Saíamos de um prédio para o outro, não tínhamos hora de almoço nem de saída, era tudo em função do trabalho. Éramos quatro e limpávamos dez prédios por dia. A empresa chamava-se Tulimpa. Ao 15º dia decidi não trabalhar mais e o motorista informou-me que não se pagavam as duas pri-

meiras semanas, isto é, eram trabalho gratuito para o patrão. Fizemos tudo, o meu marido e eu, mas até agora ele nunca me pagou os sessenta contos que me devia.

Passados dois meses, o meu marido arranjou-me trabalho num salão de cabeleireiro. Eu trabalhava à comissão. Passava um dia inteiro a fazer tranças numa cabeça que custavam dez mil escudos e eu recebia apenas cinco mil. Esforcei-me durante cinco meses e um dia. A patroa tinha em vista uma caboverdiana que sabia fazer esse trabalho e queria explorá-la, por isso decidi dispensar-me. Decidi fazer tranças em minha casa para não perder o tempo fora.

Depois fui para a Delphi (empresa-fábrica de cabos de automóvel), onde estive cinco meses a trabalhar das 7 horas da manhã até às 16h, com trinta minutos para a refeição. Mas aí também, eles punham a máquina com um excesso de velocidade insuportável e só pagavam 69.000\$00. Fazíamos 900 cabos por dia. Era muito duro trabalhar de pé durante todo esse tempo. Acabei por demitir-me. Agora trabalho como vendedora de produtos africanos de beleza e alimentares.

Neste país temos poucas hipóteses de conseguir vencer. Milhares de imigrantes não estão legalizados, trabalham vinte e quatro horas seguidas sem descanso, são muito mal pagos. Na maioria das vezes os patrões não pagam. É a escravatura que se mantém até aos dias de hoje. Não existe segurança no trabalho nem assistência em caso de doença ou de acidente, é sempre o trabalhador que paga a factura.

Mariama Bobo Diallo

CASOS

Muitos imigrantes passam pela nossa associação, queixando-se da sua situação e do comportamento brutal e falso de muitos patrões. Passaremos a ter no nosso jornal uma coluna que reproduza alguns desses casos, que são reveladores da sociedade discriminatória e injusta em que vivemos.

✽

Uma brasileira contou que um conterrâneo seu trabalhou para um patrão português. Porque ele exigia os seus direitos, o patrão pô-lo num buraco dentro da obra durante um dia, para o castigar, e em seguida o ameaçou de eliminação física. O brasileiro acabou por regressar ao seu país.

✽

Uma outra brasileira contou que o seu patrão queria abusar dela sexualmente, porque tinha a ideia de que muitas brasileiras são prostitutas.

✽

Passaram também pela Associação muitos casos de imigrantes que morreram nas obras e tiveram muitos problemas para que os seus corpos fossem trasladados para os seus países de origem. E há outras histórias incríveis, como o caso de um imigrante que faleceu e cujos órgãos foram roubados pelo director de um hospital de Lisboa, o que causou um incidente diplomático entre a Moldávia e Portugal.

Mouhameth Sock

OS DIREITOS DO TRABALHO

Muitos trabalhadores estão contratados legalmente mas, por desconhecerem os seus direitos laborais, deixam-se explorar desvergonhadamente pelos seus patrões. Outros, embora trabalhando ilegalmente, também têm alguns direitos e, sobretudo, têm o direito de lutar por aqueles que ainda não têm. Passaremos, nestas páginas, a informar regularmente dos direitos mais elementares dos trabalhadores, sejam eles portugueses ou estrangeiros.

Direitos no que diz respeito à maternidade

São direitos da mulher grávida, até ao momento do parto, não trabalhar mais que sete horas diárias e faltar ao trabalho por ocasião de consultas pré-natais, a partir do 3º mês de gravidez e sem perda de salário.

Após o parto, pode faltar ao trabalho durante 90 dias consecutivos, sem perdas de regalias ou alteração do horário ou local

de trabalho. Tem ainda direito a 30 dias de férias que podem ser gozadas antes ou depois do parto.

A entidade patronal tem o direito de exigir a justificação dessas faltas, por isso há que pedi-las sempre, por exemplo, quando das deslocações ao médico.

Augusto Banjaqui

Espaço novo, projectos novos

Estamos neste momento a preparar um pedido de financiamento ao Ministério da Ciência e Tecnologia para aquisição de 5 computadores, com ligação gratuita à Internet que farão parte do nosso espaço de recursos multimédia. Aguardamos também a resposta do Instituto de Emprego e Formação Profissional para a criação de uma Unidade de Inserção na Vida Activa (UNIVA). Se a resposta for positiva, passaremos a ter um técnico que ajudará os nossos sócios a procurar emprego, a fazer currículos, a responder a anúncios, a procurar formação profissional, a criar a sua própria empresa, etc.

Quanto ao nosso bar/restaurante que em breve estará a funcionar, estamos neste momento a pedir apoio ao nível de equipamento de cozinha a diversas enti-

dades que, solidárias com a causa dos imigrantes, nos queiram ajudar. E as boas notícias são: já temos uma máquina de lavar loiça oferecida pela Electrolux e uma máquina de café emprestada pela Negrita. Amigos, solidários connosco, cederam-nos as mesas, cadeiras e outros móveis que tornaram já funcional o nosso espaço. O IPJ ofereceu-nos as cadeiras para os cursos. Mas precisamos de muito mais coisas.

Se conheceres alguém que nos possa oferecer computadores, impressoras, fotocopiadoras, material de escritório, loiças, electrodomésticos, contacta-nos!

Para além destes projectos, queremos as tuas sugestões e a tua colaboração. Vem à tua Associação e participa!

Filipa Pereira

Cursos procuram alunos

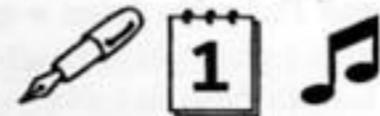
Começamos já no passado mês de Novembro a dar cursos de português para estrangeiros. Estão a funcionar duas classes aos domingos à tarde.

Abrimos também inscrições para outros cursos de línguas, todos para principiantes: árabe, russo e inglês. Estes começarão logo que houver um número suficiente de inscritos. Temos ainda a intenção de organizar cursos de informática para utilizadores com ou sem conhecimentos.

Estas actividades são importantes para a nossa associação porque respondem a necessidades de alguns sócios, são um motivo para se vir à sede, mantendo uma ligação e proporcionando um convívio entre nós, e também porque são uma fonte de receitas que contribui para o pagamento da renda, uma vez que a maior parte das aulas são dadas por sócios, gratuitamente.

Inscreve-te, divulga estes cursos e traz amigos!

Elsa Sertório



Interculturalidade

O encontro intercultural, o convívio e a comunicação entre todos os que aqui se deslocam e a possibilidade de se darem a conhecer, assim como a conhecerem outros e aos seus países, com as suas visões sobre as realidades sociais, económicas, políticas e culturais, suas inquietações, suas expressões artísticas e criativas: eis o que o nosso grupo de trabalho pretende que aconteça na nova sede da Solidariedade Imigrante.

Existem muitas formas de potenciar essa comunicação e aprendizagem mútuas, entre outras: exposições, debates temáticos, projecção de material audiovisual, gastronomia, pequenos concertos, apren-

dizagem de actividades, como a música ou uma língua, consulta de materiais temáticos, como publicações, livros e estudos científicos, etc. Estas actividades não têm que se limitar unicamente ao espaço da Solidariedade Imigrante, uma vez que a nossa intenção é também levar a mensagem onde as pessoas estão, desde escolas e universidades até praças, bairros, auditórios, etc.

Resta-nos apelar à colaboração de todos os que se interessarem por este projecto, em materiais, em ideias, com novas propostas, com a sua presença.

Rita Silva

Debate em Braga

O núcleo do Olho Vivo de Braga convidou a associação Solidariedade Imigrante para discutir sobre a imigração. Explicámos as razões da existência da nossa associação e convidámos algumas activistas a instalar também em Braga a Solidariedade Imigrante, o mais brevemente possível. Durante os dois dias, 10 e 11 de Dezembro, foram discutidas as leis de imigração, "os direitos humanos e os media". Também esteve presente a nossa delegação de Famalicão.

Mais de 40 mil imigrantes estão numa situação irregular por culpa do Estado português. Nós exigimos que todos os imigrantes que trabalham e residem em Portugal sejam legalizados, mas entre o SEF e a IGT há um jogo de ping-pong.

Queremos que os imigrantes tenham direitos consagrados na constituição portuguesa e alertámos a comunicação social para o trabalho subjectivo que tem feito no que diz respeito às minorias étnicas. Agradecemos o núcleo do Olho Vivo de Braga e apelamos para que o trabalho da imigração tenha um grande empenhamento em nome da Solidariedade Imigrante.

Mouhameth Seck

Conclusões do III Fórum do Imigrante

Mais uma vez no concelho da Amadora teve lugar, em 14 de Outubro deste ano, o 3º Fórum do Imigrante. Embora com uma participação menos numerosa do que nos fóruns anteriores, houve como sempre intervenções valiosas e empenhadas dos presentes. No final da reunião, foram votadas as seguintes decisões:

1. Exigir que se acabassem com os inquéritos policiais e discriminatórios do SEF aos imigrantes.

2. Exigir o fim das autorizações de permanência, que retiram todos os direitos aos imigrantes, e exigir para todos os estrangeiros que aqui residem e trabalham a autorização de residência.

3. Mandatar a associação Solidariedade Imigrante para levar estas preocupações a todas as instituições e grupos parlamentares.

4. Contactar com associações, sindicatos e a sociedade civil em geral para que se possa organizar brevemente uma grande manifestação que apoie as nossas reivindicações e denuncie esta nova escravatura e as políticas que a sustentam.

Preocupados com as agressões militares das grandes potências, que atingem populações inteiras a nível internacional, os participantes no III Fórum votaram ainda uma moção de repúdio contra "a guerra imperialista lançada contra a população indefesa do Afeganistão".

Por uma Palestina laica e multiracial

Povos condenados a viver juntos, Israel e Palestina são como uma moeda: se um dos lados está no fogo, o outro não tarda a aquecer. Neste território as armas já falaram demais e demasiado sangue já foi derramado, e não sabemos ainda, infelizmente, por quanto tempo. Os corações estão cheios de ódio e os espíritos exaltados até ao último grau. A paz: um único sonho; para quando: uma única pergunta. Não encontraremos resposta a ela enquanto o governo israelita teimar em ocupar a Palestina. Milhares de palestinianos, em particular os jovens, já escolheram de morrer para que a Palestina viva. Não se pode abafar a verdade. E a verdade leva a condenarmos com firmeza a agressão quotidiana por parte dos israelitas, pois este foco de tensão pode incendiar os quatro cantos do mundo.

Papa Sarr

Natal da Madalena

No dia 24 de Dezembro à noite, as ruas da cidade ficarão desertas e a maioria dos lisboetas estará reunida em família à volta de uma mesa. Mas haverá também aqueles que estarão sozinhos ou que quererão juntar-se a outros. Para esses, preparámos um jantar de Natal especial na Rua da Madalena. Atenção: é preciso inscrever-se com antecedência para sabermos com quantos contamos.



Não somos caixotes do lixo

No momento em que começava a escrever este texto para dizer que o imigrante não é um caixote do lixo para onde se deita todos os males da sociedade, qualificando-o de bandido, de causador de desordem, de vendedor de droga, a televisão mostrava as ruínas das obras onde três imigrantes tinham acabado de morrer. Um dia antes, a 12 de Dezembro, eram cinco de nós que morriam. A Europa constrói-se com o sangue e o suor dos imigrantes e com as lágrimas daqueles que nunca mais verão os seus familiares.

Estas tragédias repetidas mostram mais uma vez as condições lamentáveis em que vivem os imigrantes. Eles são muito explorados, muito mal pagos. No entanto, participam intensivamente no desenvolvimento económico dos países que os acolhem. Por isso merecem pelo menos respeito e consideração e não devem ser considerados como um caixote de lixo para o qual se deitam todos os problemas do país. Só os hipócritas podem pensar assim. Pobres hipócritas que pensam que somente o ouro, os diamantes e o petróleo podem circular!

Papa Sarr



CAMPANHA FINANCEIRA

Para além de passarmos a ter um encargo mensal pesado com a renda da nova sede, temos que pensar em reembolsar os sócios cujos empréstimos permitiram pagar o trespasse do local e outras despesas. O esforço de todos os sócios é agora mais necessário que nunca. Temos que começar por pôr em dia as nossas quotas e todas as contribuições financeiras adicionais são bem-vindas – as dos sócios e as dos não sócios. Para além desse esforço financeiro que devemos exigir de cada um de nós, faz-se um apelo aos voluntários para ajudarem na organização das actividades, na manutenção da sede e no seu melhoramento. Precisam-se cozinheiros ocasionais, pintores de paredes, canalizadores e outros biscateiros. Viva a solidariedade!